"Tsunami": a onda mortal

O fim de 2004 ficou marcado pelo "tsunami" que atingiu 13 países da Ásia e da África. Nunca se saberá o total exato de vítimas fatais, embora os números apontem para mais de 300 mil. A quase totalidade das vítimas, cerca de 95%, era habitante da Indonésia, do Sri Lanka, da Índia e da Tailândia. Dentre os desastres naturais dos últimos 150 anos (erupções vulcânicas, terremotos e maremotos), o "tsunami" figura entre os mais mortíferos.

Esse evento é uma onda enorme ocasionada por distúrbios sísmicos e tem grande poder de destruição quando chega a uma região litorânea. O epicentro do fenômeno foi uma área do Índico, a cerca de 180 km do litoral norte da ilha de Sumatra (Indonésia), região situada na área de contato de duas placas tectônicas, a indo-australiana e a euro-asiática, que se sobrepuseram e geraram um abalo sísmico que atingiu 9 graus na escala Richter.

Os níveis de destruição das áreas atingidas estiveram condicionados, assim como em eventos similares, a um conjunto de fatores, dentre os quais a distância do epicentro, as características morfológicas do litoral, a ocupação e valorização econômica dos espaços litorâneos e as condições sociais das populações atingidas. A combinação desses fatores fez da Indonésia o país com maior número de vítimas, cerca de 80% do total. Foi também expressivo o número de turistas europeus que morreu quando desfrutava suas férias nos resorts das praias tailandesas. A imensa maioria de vítimas do Sri Lanka e da Índia era originária de populações pobres que moravam e desenvolviam suas atividades à beira-mar.

A área da Indonésia mais atingida foi a Província de Aceh,na ponta noroeste da ilha de Sumatra, uma das quatro grandes ilhas dentre as 15 mil que formam a Indonésia. Banda Aceh, capital da província, foi a cidade com o maior número de vítimas do "tsunami".

Aceh é um "território especial" da Indonésia por conta de seus fortes particularismos. Em virtude de sua localização, sempre foi mais voltada para a vizinha Malásia do que para a Indonésia. Cerca de 97% de seus habitantes seguem o islamismo, e a região é o mais antigo foco de expansão do Islã no país. O islamismo professado pela população local é mais rigoroso, bem mais acentuado que o praticado no restante do país.

Historicamente, a capital foi um importante polo de resistência à colonização holandesa e só foi submetida ao domínio da metró-

pole no início do século XX, depois de uma sangrenta resistência que durou trinta anos (1873-1903). Desse passado tumultuado, decorre a tendência crônica de oposição a qualquer tipo de poder central. Economicamente, Aceh dispõe de importantes recursos naturais, como gás e petróleo. Tradicionalmente, os líderes regionais se queixam do governo central (localizado na cidade de Jacarta, ilha de Java), que não repassa à província os dividendos compatíveis à exploração realizada.

Deve-se notar que catástrofes naturais como a ocorrida poderiam ser ao menos minimizadas, se houvesse um sistema de previsão e alerta no Índico, como já existe há cerca de 50 anos no Pacífico. Fruto da colaboração entre os Estados Unidos e o Japão, o sistema compartilha informações com os demais países do Pacífico. Infelizmente, não havia na região do Índico nenhum tipo de infraestrutura como essa.

Depois do desastre foram feitas reuniões internacionais para criar um sistema de alerta global de "tsunamis". O que aconteceu no Índico, foi um fenômeno até certo ponto inusitado e aumentou a preocupação de que um tipo de evento como esse possa ocorrer em qualquer área litorânea do mundo. A propósito, apesar de mínimo, existe o risco de o fenômeno atingir o Brasil. Há indícios de que em 1542, a recém-fundada vila de São Vicente, no litoral de São Paulo, tenha sido atingida por ondas que, supõe-se, chegaram a 8 metros.

Os caminhos do tsunami